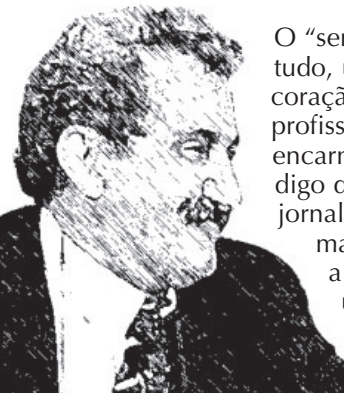


## Ancelmo Gois



O “sertanejo” **Ancelmo Gois** é, antes de tudo, um jornalista: “Digo sempre, e digo de coração, que acho o jornalismo a melhor profissão do mundo. Brinco que, na outra encarnação, quero voltar jornalista. Brinco e digo que, quando eu crescer, quero ser jornalista. E afirmo que uma das coisas que mais me enchem de orgulho é responder a alguém que pergunta – pode ser até uma ficha de hotel – qual a minha profissão. Enfim, encho a boca para dizer que sou jornalista”.

Esse sergipano de Frei Paulo começou aos 15 anos na profissão e hoje, aos 60, está na linha de frente do jornalismo brasileiro. A coluna que escreve em O Globo desde setembro de 2002 (e que também está no blog Ancelmo.com – A turma da coluna, no <http://>

[oglobo.globo.com/rio/ancelmo](http://oglobo.globo.com/rio/ancelmo)) é referência no meio, misturando política, economia, cultura, futebol e estrelas da tevê. Por conta dela, está na agenda das principais personalidades do País, mas não se deixa seduzir pela fama. Ao contrário, mantém-se uma pessoa simples, gentil e bem-humorada, que adora ser caipira, torcedor do Flamengo e da Mangueira (ninguém é perfeito), comer frango com quiabo, farinha e feijão, vida em família e que morre de medo de avião. Tudo isso temperado por convicções marxistas, que preserva desde a juventude e que lhe valeram um período no exílio 40 anos atrás. Esse é, em resumo, o perfil que a editora-contribuinte **Célia Chaim** traça de Ancelmo Gois nesta 6ª edição de *Jornalistas&Cia Entrevista*, que marca o encerramento de nossos trabalhos em 2008. O texto, como sempre, é saboroso. Um presente de Natal. Boa leitura!

**Eduardo Ribeiro e Wilson Barancelli**

## Ajudem um sobrevivente da seca de 48

**Ancelmo Góis** só tem um. Quem lê sua coluna diária em O Globo fica viciado. Quem não lê, não sabe o que está perdendo. Exibido ele não é, “mas adoro exhibir esse meu lado sertanejo. Adoro, adoro. Eu fico ligando a vida inteira para pedir notinhas, para falar com alguém, fazer uma reportagem, falar com secretárias – e eu falo assim: ‘ajudem um sobrevivente da seca de 48’. Adoro esse lado nordestino”. Isso é muito bom, ele diz.

Pobre ele não era; sua família pertencia à classe média baixa. Seu pai (Euclides Gois) tinha um armazém no interior, depois virou funcionário públi-

co, foi político, vereador, tocava na banda de música da cidade. Lá em Frei Paulo (Sergipe) existe até hoje a banda Lira Paulistana.

É aí que vem a saudade. Do coreto, das voltas na praça e talvez até de um doce, que era vendido em calçadas de coretos, chamado quebra-queixo. Junto com outros, como alfe-nim, pirulito de mel (cavaquinho) ou de açúcar queimado, o quebra-queixo faz parte de lembranças afetivas da infância. “Domingo à noite as pessoas iam à missa e depois ao coreto, uma tradição muito forte no Brasil, especialmente naquele tempo em que não ha-

via televisão no País. Domingo era o dia das pessoas saírem. O coreto era uma grande festa, tocavam lá as bandas”. O quebra-queixo ainda hoje é vendido pelas ruas do interior do Brasil, mas essa tradição está por um fio. Que era bom, era.

Nesses tempos Ancelmo também ia à missa. Seu avô por parte de pai morreu cedo e seu pai foi criado por um padre. “A nossa família é



Este é o coreto de Frei Paulo (SE), um dos cartões postais da cidade onde nasceu Ancelmo Gois. Tudo acontecia ali, inclusive o encontro de grandes amores nos passeios de domingo, quando as mocinhas andavam em volta do coreto. Já naquela época, 40 anos atrás ou mais, esse inocente passeio dominical era chamado de footing. Fica na Praça Capitão João Tavares, mais conhecida como Praça do Coreto.

católica. A minha irmã era freira, deixou de ser freira mas continua trabalhando na Pastoral da Criança, com Zilda Arns”. (Nota da Redação: já indicada ao prêmio Nobel da Paz, médica pediatra e sanitária, Zilda Arns é fundadora e coordenadora nacional da Pastoral da Criança, organismo de ação social da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Viúva, irmã de Dom Paulo Evaristo Arns, cardeal arcebispo emérito de São Paulo, é mãe de cinco filhos: o médico veterinário Rubens, o médico

Nelson, a psicóloga Heloísa, e os administradores de empresas Rogério e Silvia). A irmã de Ancelmo levou a Pastoral ao Timor-Leste, um dos mais novos e mais pobres países do mundo.

A família Gois viu o mundo mudar. Mudou tudo. Hoje, a boa piada pode vir pela internet e não é mais de português. Essa, quem recebeu pela internet foi **Marceu Vieira**, jornalista dos verdadeiros bons, que trabalha com Ancelmo e a quem este muito elogia. Vamos lá: Corre no território livre da

internet esta versão da Casa Branca em tempos de Obama:



Há quem ache engraçada, há quem entenda que a Casa Branca transformada em Casa

Preta é um enorme desafio – bem merecido – a Bush e há também quem veja preconceito na brincadeira. Mas que é divertida é.

No dia-a-dia, fazendo jus ao “lado sertanejo”, esse jornalista muito especial come – quando dá – comida nordestina, como frango com quiabo, farinha e feijão. E, quando tira férias, divididas em três vezes, vai ver dona Neném em Aracaju, vol-



**Philips. Uma das empresas com o maior número de patentes do mundo.**

Na Philips, todos estão sempre pensando em antecipar o futuro. O resultado disso são milhares de novos projetos, idéias e conceitos todos os anos. Tanto que foi a Philips que inventou o CD e a TV que menos consome energia do mundo.

**PHILIPS**

sense and simplicity

ta a Portugal e, quando dá, es-  
tica até Paris. “Morro de medo  
de avião”, confessa o que es-  
condem nove entre dez pesso-  
as – mesmo que disfarçadas

Arquivo particular



Ancelmo Gois, aos 15 anos, na  
redação da Gazeta de Sergipe

com um jornal aberto, como se  
nada estivesse acontecendo lá  
fora. Seu grande companheiro  
na partilha desse medo é nin-  
guém menos do que Oscar Ni-  
emeyer. Ele mesmo, Niemeyer,  
conta: “Certa vez tinha com-  
binado com Assis Chateaubri-  
and de me encontrar com ele  
em Pernambuco. Ele foi na  
frente, eu iria depois. Mas eu  
não fui. Quando se encontrou  
comigo, dias depois, disse:  
‘Você agiu como um verdadei-  
ro comunista!’. Mas ele gostava  
de mim; nos dávamos bem.  
O medo de viajar de avião me  
atrapalhou muito. Um dia eu  
estava em Brasília, JK me tele-  
fonou para que eu viesse com  
ele de avião para o Rio de Jane-  
iro. Não vim. Viajei de au-  
tomóvel. Houve, então, um

acidente com o carro em que  
eu viajava. Passei quinze dias  
no hospital. O medo de avião  
não vem de nenhum raciocí-  
nio. É coisa minha mesmo. Não  
viajo quando não quero. Mas  
muitas vezes invento essa his-  
tória de medo de avião porque  
não quero viajar. Eu não gosto  
desse negócio de altura! Tantas  
vezes voltei do caminho... De-  
ixei de viajar. Uma vez, estava  
na Argélia. Quando chegou a  
hora de o avião sair – já havia  
posto aquele balinha na boca –  
, eu disse: ‘Não vou!’. Peguei o  
meu colega e saí. Isso criou di-  
ficuldade porque a mala já es-  
tava no avião”.

Será que seu grande amigo,  
também do Globo, **Fernando  
Calazans**, tem medo?

Medo propriamente não, di-

zem amigos de Calazans, é  
um certo “desconforto”. Um  
desconforto, vamos admitir,  
que leva os mais religiosos a  
aproveitar estarem lá em cima,  
pertinho de seus santos, para  
rezar. Não adianta falar que é  
ateu. Meu marido, executivo  
da área de comunicação, me  
cutuca a viagem inteira para  
eu rezar para o avião não cair.  
Os medrosos são tão cegos  
que festejam a proximidade da  
aterrissagem que, dizem os  
mais entendidos, é a parte  
mais delicada da operação.  
Em vez de ir ao Rio, a cidade  
onde nasceu, em 40, 50 mi-  
nutos, ele prefere passar cin-  
co horas num veículo que  
ande na estrada, “no chão”.  
Ancelmo explica: “Morro de  
medo; mas meu medo é supe-

rável quando vou a Aracaju  
(três vezes por ano), Portugal  
e Paris. Se me oferecerem uma  
viagem para um lugar de que  
eu não gosto, meu medo aumen-  
ta e eu não vou”.

Amigos, amigos mesmo, tem  
alguns. Rasga elogios a Cala-  
zans, também colunista (de  
Esportes). “Adoro ele. Convive-  
mos muito na Copa do Mundo  
da Alemanha (2006), é uma  
pessoa muito íntegra, às vezes  
mal-humorado demais. Mas  
adoro ele. É um jornalista muito  
equilibrado, não tem afetação  
ou deslumbramento... Sou  
seu fãzão”. (Ouvi a recíproca  
de seu fãzão, Ancelmo.) Gente  
grande no jornalismo ele  
aponta três, **hors concurs**;  
**Elio Gaspari**, **Dorrit Harazin** e  
**Marcos Sá Corrêa**.

Quem não lê a coluna de  
Ancelmo perde “furos” na eco-  
nomia, na política, cultura e  
muita diversão. Leia esta: “O  
novo presidente dos EUA está  
mais popular que Mickey. Seu  
rosto ou silhueta aparece em  
*buttons*, bonecos de resina,  
bolsas, chaveiros, adesivos.  
Nas lojas de lembranças de  
Washington, mimos como ca-  
misetas com estampas de Tio  
Sam e miniaturas do Capitólio  
ou da Casa Branca deram lu-  
gar a canecas e estampas de...  
acertou, Obama”.

Outra: ‘Na ‘República Brasi-  
leira do Banguê-Banguê’, tem  
sido muito rico, inclusive aqui  
no *blog*, o debate sobre a con-  
tribuição da chegada da famí-  
lia real ao Brasil, em 1808, para  
a garantia da unidade territorial

do país, evitando, assim como  
ocorreu na América espanhola,  
a divisão do território em  
vários países. Só que o Brasil  
hoje é, de certa forma, dividi-  
do em várias ‘nações’ indepen-  
dentes. Em algumas favelas do  
Rio o governo  
praticamente  
não entra. São  
territórios livres  
de facções cri-  
minosas. O mesmo  
ocorre em vastas  
áreas da região  
amazônica. Os  
fora-da-lei tocam  
fogo na floresta –  
entre outubro e  
novembro de  
2007, foram des-  
matados 3.235  
km<sup>2</sup> – e resol-

vem seus problemas a bala; de  
uma lista de 36 cidades respon-  
sáveis por metade da derruba-  
da recente de árvores, 23 estão  
entre as 10% mais violentas do  
País”.

Ancelmo tem coisas que pro-



Ancelmo com a neta Carolina, na Flip 2008, em Paraty

vavelmente vêm de seu modes-  
to e sábio coração sergipano.  
Jamais posou ou posará como  
uma celebridade da imprensa.  
“O mito da celebridade se es-  
palhou pelo mundo inteiro,  
está impregnado na publicida-  
de, no jornalismo, em todo lu-  
gar. As pessoas têm que ser  
bonitas, jovens e freqüentar,  
freqüentar. Freqüentar o quê?  
Sei lá, mas que tem que fre-  
qüentar, isso tem”.

Quem sabe, Ancelmo, não  
poderíamos “freqüentar” o  
Maracanã num jogo do Fla-  
mengo ou o Sambódromo com  
a camisa da Mangueira? Seria  
um “freqüentar” muito popu-  
lar, pegaria mal ou bem? Será  
que essa gente que “freqüen-  
ta” “freqüentou” informações  
de que o desmatamento na  
Amazônia em outubro atingiu

541 quilômetros quadrados de  
floresta, área equivalente à  
metade do município do Rio  
de Janeiro (os dados são do Sis-  
tema de Detecção do Desma-  
tamento em Tempo Real – De-  
ter, divulgados pelo Instituto  
Nacional de Pesquisas Espaciais  
– Inpe)? Não custa nada  
saber que Mato Grosso, Pará e  
Rondônia foram responsáveis  
por 90% do desmatamento da  
floresta no período. Pelo se-  
gundo mês consecutivo, Mato  
Grosso liderou a lista de mai-  
ores desmatadores, com 233  
quilômetros quadrados, 43%  
do total.

Querida Dona Neném, ex-  
jornalista e aposentada como  
professora, a senhora que já  
viveu o que viveu, tem idéia de  
onde vamos parar? Do jeito  
que está imagino que seu ta-

lento e adorável filho Ancel-  
mo, conforme for, não tomará  
mais Lorax apenas em longas  
viagens de avião. O mundo, a  
senhora sabe mais do que qual-  
quer um de nós, mudou mui-  
to. Para mim, a senhora seria  
uma celebridade, mas é até  
pecado para nós, que preza-  
mos a religião, arriscar com  
essa palavra, conforme seu fi-  
lho nos advertiu.

“É da tradição da imprensa  
brasileira jornais e jornalistas  
de rabo preso. Um dos gran-  
des problemas da imprensa  
hoje é que da Bahia para cima  
é assim: o maior empresário de  
comunicação na Bahia é a fa-  
mília do ACM; o maior empre-  
sário de comunicações da mi-  
nha terra é o ex-governador  
Albano Franco; o maior empre-  
sário de comunicações das

Alagoas, a família Arnon de  
Mello (do Collor); o maior  
empresário do Rio Grande do  
Norte, a família do Aloisio Al-  
ves; e o maior empresário do  
Maranhão é o Sarney. Então,  
evidentemente, o sertão vira  
mer no dia em que o jornal do  
Sarney tiver algum distanciam-  
ento da gestão pública da  
família. Acho que a imprensa  
aqui, mais para o Sul, subindo  
a partir do Rio Grande do Sul,  
é hoje uma imprensa menos  
partidarizada”.

Dona Neném, pode corujar  
esse filho que, com 45 anos de  
carreira, fez a sua história no  
jornalismo brasileiro e agora  
aparece na televisão com a  
naturalidade de quem está ali  
há muito tempo.

Viva Dona Neném, viva Ser-  
gipe!

## Deu Ancelmo no Balaio de Notícias...

O nome do *webjornal* não poderia ser melhor. Criado e editado por **Paulo Lima**, jornalista formado pela Universidade Tiradentes, de Aracaju, no Sergipe. Muitos jornalistas do “balacobaco” – como **Ricardo Kotscho** – já caíram no Balaio com o maior talento e alegria. Ancelmo Gois também figura no Balaio do conterrâneo:

**Balaio de Notícias** – Como é que o jornalismo entra em sua vida?

**Ancelmo Gois** – Sabe aquela história de quem nasceu primeiro, o ovo ou a galinha? Eu, na verdade, não sei o que entrou primeiro na minha vida. Se foi o jornalismo ou a política. Explico: eu nasci numa família que discutia muito política. Meu pai, Euclides Gois, foi político na minha cidade natal (Frei Paulo). Ainda garoto, eu freqüentava comícios em praças públicas. Lembro bem

da campanha presidencial do Marechal Lott, em 1960, pelo PSD. Até hoje guardo bem na memória o *jingle* da campanha (*Espada de ouro/quem tem é o Marechal/Lott, Lott, você é o ideal...*). Fiz política estudantil desde cedo. Presidi o Grêmio Estudantil do Senac, em 1963. Naquela época, política e jornalismo se misturavam. Quando eu cheguei à Gazeta de Sergipe (levado por Chatô, um cara de inteligência fora de série), era esse o clima.

**Balaio** – Que lembranças você tem do tempo em que se iniciou no jornalismo em Aracaju?

**Ancelmo Gois** – São boas. Talvez as melhores da minha vida. Lembro sempre com emoção. Eu fiz parte de uma turma que tocava a Gazeta de Sergipe, sob a liderança de Orlando Dantas. Eram tempos de grande idealismo e genero-

sidade. Orlando mantinha uma guerra implacável contra a corrupção na política sergipana. Eram grandes batalhas. Eu era um soldado menor nesta guerra liderada por gente como José Rosa de Oliveira Neto, Ivan Valença, Paulo Barbosa, Macepa, Chatô...

**Balaio** – Em que momento você decidiu ir para o Rio de Janeiro? O que o motivou a tomar tal decisão?

**Ancelmo Gois** – Na verdade, eu fui para o exílio. Em 1968, no Grêmio do Atheneu (Colégio Estadual Atheneu Sergipense), participei ativamente das manifestações estudantis. O Rio fervilhava por causa do assassinato do estudante Edson Luís no restaurante Calabouço. No dia 13 de dezembro veio o AI-5 e terminei preso no 28º BC. Quando saí não tinha mais clima para ficar em Sergipe. A militância no PCB (na época

sob a liderança de Wellington Mangueira) me levou a estudar em Moscou e, na volta, em 1971, fiquei no Rio.

**Balaio** – Quem são os seus escritores favoritos? Algum a que você costume recorrer com freqüência?

**Ancelmo Gois** – Livros, infelizmente, leio poucos. Mas gosto de Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Jorge Amado. Mas é de Sergipe o maior antropólogo brasileiro, segundo Darcy Ribeiro. Eu me refiro a Manoel Bonfim.

**Balaio** – Você concorda que o jornal impresso está com os dias contados, se não passar por uma profunda reformulação?

**Ancelmo Gois** – Não. O jornalismo impresso não vai acabar, assim como a tevê não acabou com o rádio. Mas eu concordo: para não morrer os jornais têm que mudar muito.

## ... e deu Ancelmo no J&Cia

**Jornalistas&Cia Entrevista** – Quando você era pequeno, o fato de ter um nome começado com a letra A lhe trazia dissonâncias, por ter que falar antes que os outros nas tais chamadas orais?

**Ancelmo Gois** – Não, eu sempre fui muito assanhado. Adorava me exibir.

**Entrevista** – O que você pensa das novas gerações que chegaram ao jornalismo depois da sua, sobretudo dos mais novos, que estão debutando agora?

**Ancelmo** – Eu acredito na evolução da espécie. O ser humano melhora a cada geração. Com os jornalistas não é diferente. Os jornais e os jornalistas de hoje são melhores que os de ontem e piores que os de amanhã. Há exceções. Mas esta é a regra geral da vida. Quem vive de passado é analista.

**Entrevista** – Que marcas o comunismo deixou em sua vida e que cacoetes você ainda mantém daqueles tempos em que queria revolucionar o mundo pelo socialismo?

**Ancelmo** – O PCB foi uma grande escola política. O comunismo, da forma como Marx e Engels conceberam, é a idéia mais generosa que já apareceu na face da terra. Mas as experiências que surgiram a partir de 1917 na Rússia fracassaram. O que se viu foram estados totalitários, burocratizados e corruptos. O tempo me fez acreditar que a democracia é “valor universal”, como lembrou o marxista Carlos Nelson Coutinho num ensaio de 1979. Mas não acredito no fim da história e muito menos nos que acham que esquerda e direita não existem mais.

**Entrevista** – Consta que você teria dito uma vez, ao receber o Prêmio Comunique-se, que é difícil ser jornalista, por conta das madrugadas, da tensão, das pressões, da ansiedade, mas que seria muito pior ter que trabalhar. Você confirma?

**Ancelmo** – Não foi bem assim. O que eu digo sempre, e digo de coração, é que acho o jornalismo a melhor profissão do mundo. Brinco que, na outra encarnação, quero voltar jornalista. Brinco e digo que, quando eu crescer, quero ser jornalista. E afirmo que uma das coisas que mais me enchem de orgulho é responder a alguém que pergunta – pode ser até uma ficha de hotel – qual a minha profissão. Enfim, encho a boca para dizer que sou jornalista.

Simone Marinho



Ancelmo Gois jurado do Prêmio Faz Diferença, no Plenário de O Globo, em 16/12/2003

## A inspiração em Zózimo

Ancelmo fala com muito entusiasmo de um jornalista que de certa maneira mostrou a todos o que é de verdade fazer o chamado colunismo social: Zózimo Barrozo do Amaral, considerado um dos modernizadores do colunismo social brasileiro, estilo carioca, bem-humorado e mordaz ao dar notícias, cheio de informações. Ele começou a profissão no Jornal do Brasil (1963) e, depois, assumiu a coluna *Carlos Swann* (1965). Aos poucos construiu um novo estilo, que além de trazer os acontecimentos sociais, passou a in-

serir também notícias exclusivas, particularmente de política e economia. Durante o regime militar foi preso duas vezes por curtos períodos por causa de notas envolvendo militares. No Jornal do Brasil, onde trabalhou cerca de 25 anos, foi também coordenador de colunas e editor do Caderno B. Mudou para O Globo (1993), no qual passou a assinar a coluna *Zózimo* e, quatro anos depois, morreu de câncer no pulmão, no Hospital Mount Sinai, em Miami, EUA, aos 56 anos. Em 34 anos de profissão foram mais de 200 mil registros, escritos em até dez linhas.

Expediente

**J&Cia Entrevista** é um informativo produzido pela M&A Publicações e Eventos • Tel. 11-5576-5600 • Diretor e Editor Responsável: **Eduardo Ribeiro** (eduribeiro@jornalistasecia.com.br) • Editor Executivo: **Wilson Barancelli** (barancelli@jornalistasecia.com.br) • Coordenadora: **Célia Chaim** (celiachaim@uol.com.br) • Assistente: **Luiz Anversa** (luizanversa@jornalistasecia.com.br) • Projeto Gráfico e Diagramação: **Paulo Sant'Ana** (psantana@uol.com.br) • Circulação e Publicidade: **Silvio Ribeiro** (silvio@jornalistasecia.com.br). Fotos: Arquivo Reali Júnior.

## O mundo visto por Ancelmo

### Pagador de promessa

Com um ano de atraso, Lula cumpriu a promessa de gerar 10 milhões de empregos no primeiro governo, encerrado em 2006. É o que diz o professor Marcelo Neri, da FGV. Segundo Neri, foram 7,3 milhões de postos formais e informais, entre 2004 e 2006, mais 2,7 milhões em 2007.

### Três mosqueteiros

A união entre Lula, Cabral-Eduardo Paes vai desfilar na Sapucaí no Carnaval de 2009. O prefeito e o governador do Rio resolveram fazer um camarote conjunto e convencer o presidente a se juntar a eles no alalaô.

### O machão

De Wando, que volta aos palcos com um show no Rio, com a banda Brasov e Pepeu Gomes, no Jockey Club:

– A mulher que passar por essa vida sem uma calcinha do Wando não viveu.

Há controvérsias.

### AeroLula

“Viajando” Henrique Cardoso, nos oito anos de mandato, passou 341 dias no exterior.

Lula, em seis anos, vai superar esta marca e pode estufar o peito e mais uma vez dizer: “Nunca antes na história desse País ...”

### Um tapinha não dói

Zé de Abreu, o grande ator, saiu em defesa de Dado Dolabella no seu *blog*. Argumenta que a Lei Maria da Penha, na qual o ex de Luana Piovani foi enquadrado, é para casos de violência

– não para prosaicas brigas de namorados, como ele avalia o barraco entre os dois.

Zé acha que um tapinha não dói.

### Sai Bush, sai

Várias lojas de Nova York estão vendendo um contador de dias que faltam para Bush deixar a Casa Branca. Custa US\$ 20. Na contagem de hoje faltam menos de dois meses.

### Brasil 102,6

Relatório anual das desigualdades raciais 2007/2008, organizado pelo professor Márcio Paixão, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, a UFRJ, cravou o número maior da disparidade social brasileira. Analisando só os extremos da pirâmide, o rendimento médio dos homens brancos no andar de cima é 102,6 vezes maior que o rendimento médio das mulheres pretas e pardas no subsolo social.

Marcelo Sayão



Encontro com candidatos à Presidência da República no auditório de O Globo, em 20/9/2002. Ao fim do debate, o candidato Luiz Inácio Lula da Silva cumprimenta o mediador Ancelmo Gois

## É campeão, é campeão!

Chique no nome, o *club* que mais vezes levantou a taça de campeão sergipano, Club Sportivo Sergipe, foi fundado em 17 de outubro de 1909 por dissidentes do Cotingüiba Esporte Clube, fundado nove dias antes, que não aceitavam o nome da primeira agremiação do esporte no Estado. Resolveram então se reunir e fundar o clube, com as cores oficiais que são usadas até

hoje (vermelho e branco) e, mais, utilizar o verdadeiro nome do rio que banha Aracaju, o Sergipe. Para quem desdenha de suas façanhas basta olhar para trás. Algumas curiosidades ao longo do tempo marcam a vida do “colorado”. Entre elas, o fato de o Sergipe ser a única equipe do Estado a ter feito jogos internacionais, chegando inclusive a vencer a Seleção de Novos da Argentina, em um jogo amistoso, em

Aracaju. O placar foi de 3 a 1 para o mandante, em 1968. Além disso, enfrentou a Seleção de Gana, o Sparta Praga, da então Tchecoslováquia, e o peruano Alianza de Lima, ambos com triunfo. O Sergipe foi o pioneiro do Estado na divisão máxima do futebol brasileiro, em 1972. Além disso, é o único time a participar das competições oficiais do Estado, desde 1918, ano de sua primeira participação do Campeona-

to Sergipano, cujo título conquistou 32 vezes.

Você se lembra, Ancelmo, do feito do Sergipe em 1972?



## Meninos e meninas, eu vi

Depois de muita briga com o controle da tevê, de xingar a mãe dela dezenas de vezes, encontrei, enfim, o canal 181, a TV Brasil, do Rio de Janeiro, o que significava encontrar *De lá pra cá*, o programa de Ancelmo Gois e Vera Barroso. Daquele “tremor” que Ancelmo diz ter sentido pela primeira vez, na estréia, em 26 de junho, parece que não sobrou nada. Espaço numa cadeira es-

paçosa, conversou com Ivan Marques, doutor em literatura brasileira pela USP, sobre o escritor alagoano Graciliano Ramos, um dos principais nomes da literatura brasileira. O programa foi ótimo. Não vejo a hora de chegar 2ª.feira, torpedear de novo o controle remoto da tevê para de novo assistir *De lá pra cá*, onde se pretende conversar sem salto alto com testemunhas e personagens da história nacional.

### Agora, uma “canja” de Graciliano

“Deve-se escrever da mesma maneira como as lavadeiras lá de Alagoas fazem seu ofício. Elas começam com uma primeira lavada, molham a roupa suja na beira da lagoa ou do riacho, torcem o pano, molham-no novamente, voltam a torcer. Colocam o anil, ensaboam e torcem uma, duas vezes. Depois enxáguam, dão mais uma molhada, agora jogando a água com a mão. Batem o pano na

laje ou na pedra limpa, e dão mais uma torcida e mais outra, torcem até não pingar no pano uma só gota. Somente depois de ter feito tudo isso é que elas dependuram a roupa lavada na corda ou no varal, para secar.

Pois quem se mete a escrever devia também fazer a mesma coisa. A palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso: a palavra foi feita para dizer.” (Do livro *Vidas Secas*)

## Um pouco de Ancelmo, ao estilo de Ancelmo



Dona Neném, autêntica mãezona, com netos, bisnetos e trinetos

### Os boleros de Dona Neném

Dona Neném, a mãe de Ancelmo Gois, se chama Maria, mas é tratada por Neném desde que foi “batizada” pela vida, como ele conta. E que vida! “Minha mãe pariu 24 filhos e estão vivos 14. É alegre, animada, considerada uma cozinheira de mão cheia. Explico por que: sabe aquele doce, ambrosia, que a gente nem imagina como fazer? Pois bem. Ela faz”. O filho Ancelmo diz que é delicioso e que lá em Aracaju tem o nome de doce de leite. Também dá para se esbaldar em frutos do mar. As praias do litoral sergipano não são as mais bonitas do Nordeste, mas quem conhece diz que são exclusivas

na região por não apresentarem obstáculos naturais, como pedras e corais, pela temperatura da água, sempre morna, e a pou-

ca profundidade. Ela é uma figura marcante, diz o filho coruja. Uma boa história dos dois: “Eu fui preso lá, depois do AI-5. Tinha uma irmã que estava ouvindo música no rádio e uma vizinha chegou para ela e disse assim: ‘Irani, desliga esse rádio. Como é que você está escutando música com um irmão seu preso?’ Dona Neném ouviu aquele papo da cozinha, foi lá e mandou ligar de novo. ‘Porque a prisão do meu filho foi pelas idéias dele, não matou nem roubou’”. E os boleros da época voltaram a ser ouvidos.

Dá-lhe. Dona Neném, 92 anos de uma alegre sabedoria, autêntica mãezona, com netos, bisnetos e trinetos.

### Minha terrinha

Ancelmo Rezende Gois, 60 anos, é sergipano de Frei Paulo. Começou no jornalismo por volta de 1963, como repórter da Gazeta de Sergipe, sua grande escola. No jornal, aprendeu no dia-a-dia com mestres como Orlando Dantas, José Rosa de Oliveira Neto e Ivan Valença. Em 1968, como estudante secundarista no antigo Atheneu, participou ativamente das manifestações políticas contra o regime militar. Com a edição do AI-5, que reforçou o caráter ditatorial do regime militar, foi preso no 18º Batalhão de Caçadores. Solto, partiu para o exílio. Morou em Moscou, na época capital do regime soviético, e retornou como clandestino ao Brasil em 1971.

### A volta do exílio

Aos poucos, já no Rio, retomou o jornalismo. Primeiro, na Editora Abril. Trabalhou na revista técnica Máquinas e Metais e, mais tarde, na Exame. Desta, transferiu-se para a Veja. Em 1985, passou para o Jornal do Brasil, onde permaneceu até março de 1991. Foi titular da coluna *Informe JB*, editor do caderno Cidade e, mais tarde, de uma supereditoria que reunia as áreas de Política, Nacional e Economia. Voltou a Veja em 1991, para dirigir a sucursal da revista no Rio e editar a coluna *Radar*. Em 2001, participou de um grupo na internet que criou a revista eletrônica No.. Desde setembro de 2002, é colunista de O Globo. Apresenta o programa de história *De lá para cá*, na TV Brasil, com Vera Barroso. Pilota o também o *blog Ancelmo.com* – *A turma da coluna*, no <http://oglobo.globo.com/rio/ancelmo>.

### Dia de domingo

Gosto muito de comida nordestina, frango com quiabo. Houve época em que comer galinha era um luxo. Diziam até assim: pobre só come galinha quando um dos dois está doente. Antigamente, em dia de domingo, minha mãe fazia capão, aqueles galos capados, com quiabo, farinha e feijão. A roupa era a de

domingo no interior, mais chique, branquinha, para dar a volta no coreto da praça.

### A coluna

Meu trabalho é uma delícia. Passo o dia inteiro fofocando e ainda me pagam pra isso. Minha coluna tem um viés carioca, mistura política, economia, cultura, futebol, estrelas da tevê e por aí vai...

### O jornalismo

Mudou muito. As pessoas vêm aqui, trabalham, voltam para casa. Alta rotatividade, perdeu a graça, perdeu o encanto. Tenho amigos jornalistas de anos... Hoje não tem mais isso.

### Vaivém

Viajo sim. Às vezes, a trabalho... Adoro Portugal. Eu sou muito caipira, sabe? E a comida lá! Adoro, adoro! Eu não tiro férias corridas. Tiro uma semana, vou a qualquer lugar. Adoro principalmente Coimbra, a cidade portuguesa com maior tradição universitária, animada, a terceira economia do país (também já foi capital).

### Flamengo

Tem a maior torcida do País, é contagiante, apaixonada como a da Corinthians, capaz de levar milhares de torcedores aos estádios mesmo quando a situação do time corre perigo. É o time dele, faz parte da maior torcida brasileira.

Ancelmo está numa lista interminável de flamenguistas conhecidos, mas o que importa mesmo é o sonho de um país sem diferenças que se acotovela nas arquibancadas, pretos, brancos, pobres, muito pobres, analfabetos, letrados... Todos juntos para sofrer, pular, gritar, chorar de alegria ou tristeza pelo Mengão.

### Mangureira 2009

Sua escola do coração. Ancelmo tem um samba enredo para 2009 inspirado no livro do querido, maluco (que fugiu do hospital para escrever seu último livro), valente (um dia depois de instalada a ditadura, foi buscar suas coisas no Palácio e, mesmo proibido de entrar, entrou, pegou o que queria e saiu atacando a guarda que dias antes fazia medidas para ele) antropólogo Darcy Ribeiro, meu eterno amor. O presidente era João Goulart e ele, chefe da Casa Civil.

De O Dia/Terra: Depois de amargar um 10º lugar em 2008 falando sobre o centenário do frevo, a Mangueira promete dar a volta por cima fazendo uma homenagem ao povo brasileiro em 2009. Para isso, a verde-e-rosa levará para a avenida o enredo *A Mangueira traz os brasis do Brasil*, mostrando a formação do povo brasileiro, inspirado no livro *O Povo Brasileiro, a formação e o sentido do Brasil*, do antropólogo Darcy Ribeiro.

Gostou, Ancelmo?

